



O erro como condição de possibilidade para o filosofar

Bruno Rigonato Mundim¹

Palavras-chave: Filosofia, interpretação, erro, pré-socráticos.

Resumo: Um conceito filosófico só encontra subsídios para o seu sentido no sistema no qual está inserido, diferentemente das ciências empíricas, que se ratificam pela determinação dos fatos. Assim, os sistemas filosóficos são frutos da razão e movimentam-se livremente nos limites da coerência lógica. O que isso quer dizer? Quer dizer que todo conceito filosófico, desde que logicamente articulado num sistema fundador, é irrefutável.

Sobre o erro em filosofar

Utilizar-me-ei, primeiramente, da filosofia pré-socrática para conceituar duas distintas atitudes criativas. À primeira chamarei de desbravadora, a segunda de inovadora.

A atitude desbravadora abarca o sentido de exploração, descoberta. É o caso de um cientista que descobre um elemento químico jamais visto ou de um arqueólogo que encontra fósseis de seres vivos ainda não relatados. Uma peculiaridade dessa atitude é que ela pode dar-se ocasionalmente, mas nem por isso deixa de ser uma contribuição criativa.

No que diz respeito a outro ato criativo, a inovação, refiro-me àquilo que introduz uma novidade em algo já descoberto, erigindo-se

1. Graduando em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás. E-mail: taxinomia@gmail.com

como consequência da primeira atitude. Como aquele que, criada a roda, posteriormente a inova, fazendo, por exemplo, o pneu. Raramente o inovador conta com o acaso, e suas contribuições são frutos de longos e árduos períodos de trabalho intelectual.

Imbuído desses dois conceitos dou o pontapé inicial para uma análise do fazer filosófico no período pré-socrático, que me servirá de ilustração para uma tentativa de definir o filosofar.

Tales de Mileto, tido como o primeiro filósofo da história da filosofia ocidental, postula um princípio material (a água) como a origem e o subsistente incorruptível presente em todas as coisas. Considero-o um desbravador. Sua atitude explora desconhecidas sendas do pensamento e se depara com a filosofia, uma forma de pensar ainda não contemplada naquela época. A teogonia e a explicação mística do mundo ganharam uma incipiente e duradoura concorrente.

Não aspiro, aqui, a fazer análises filosóficas de sua teoria. Por ora, o que me interessa é o novo modo de pensar por ele instaurado. Poder-se-ia dizer: “descobre-se a filosofia”.

Sucessor e discípulo de Tales, sigo agora para Anaximandro. Já contribuindo dentro da nova forma de pensar inaugurada por Tales, tomo-o como um inovador. Anaximandro filosofa. Entretanto, sua força criativa não desbrava novas fronteiras, mas aperfeiçoa, inova e até mesmo nega as propostas de seu mestre. Diz-nos, em refutação, que o princípio e o elemento subsistente para a constituição de todas as coisas referem-se ao que ele denomina *ápeiron*, algo de natureza ilimitada, sem início ou fim, não engendrado e não corruptível, de onde toda a transformação e geração procedem.

Desejo fazer notar que a teoria filosófica de Anaximandro se formou a partir de um embate intelectual com o seu mestre. Não achando adequado postular um dos quatro elementos naturais como o princípio de todas as coisas, propôs uma outra teoria, que diz respeito a uma substância indeterminada. Sem dúvida, como disse anteriormente ao conceituar a atitude inovadora, Anaximandro teve um árduo trabalho





intelectual, ao se posicionar diante de Tales e fornecer bons argumentos para refutá-lo.

Feitas tais ilustrações, parto agora para uma segunda parte, onde pretendo considerar a filosofia dentro de um movimento mais amplo.

Considero toda teoria filosófica um fato. Assim o faço por tê-la como aquilo que não pode ser falso. O termo “fato” reflete bem essa ideia, já que considero o mundo (a realidade factual, não importa como a percebemos, não entrarei em discussões epistemológicas) determinado, ou seja, quando uma teoria científica nos fornece informações contraditórias, o erro não se encontra no mundo, mas na teoria². Dizendo de maneira mais prosaica: caso alguém afirme ter visto um elefante voar, seria mais plausível aceitar a absurdidade desse fato, ou considerar o falante um mentiroso?

Disso se segue: ao contrário da ciência, uma crítica filosófica não destrói a filosofia criticada, mas se filosofa novamente. A própria crítica é filosofia. Já com a ciência é bem diferente, pois quando uma teoria é refutada, logo cai em desuso. Não se foi à Lua com base na física de Aristóteles. Não obstante, ainda hoje estudamos Tales, de início já refutado por seu discípulo Anaximandro.

No entanto, se afirmei que uma teoria filosófica não pode ser falsa, o que diria então Tales ao seu discípulo que o refutou? A resposta é fácil: “Meu dileto e estimado pupilo Anaximandro, sê prudente! Tu não foste capaz de compreender a minha teoria!”. Assim, com certeza, reagiria Tales.

Qualquer filósofo jamais errou, exceto na interpretação de seus predecessores. Eis a condição necessária para filosofar: deve-se ser mau intérprete! Obviamente me refiro ao uso da atitude inovadora, já que, por meio da outra atitude, prescinde-se de filosofias anteriores.

2. A esse respeito, confrontar a seção X de [Hum] (o modo como Hume refuta a possibilidade de existirem milagres); assim como [Witt], parágrafos 193 e 194.

A força motriz da filosofia é o erro. Quando Aristóteles se vira para Platão e diz “isto está errado”, ele acaba de arquitetar uma nova filosofia, mas jamais encontra, de fato, um erro. Pensando exatamente como Platão pensou é impossível encontrar falhas no seu edifício filosófico, apenas se o olharmos externamente, pelas lentes de outra filosofia. E como disse anteriormente, diante do erro o que se deve substituir é a teoria, não o fato; entretanto, a filosofia tem a particularidade de nada substituir, posto que cada filosofia é um novo fato.

Contemplemos a filosofia como contemplamos o mundo, pois, no final das contas, se algo parece errado, isso se dá à nossa incapacidade de compreensão. Portanto, estudioso de filosofia, encontre a que mais lhe agrade e saboreie-se com suas verdades.

A elucidação

No item anterior, conceituei duas atitudes criativas, as quais denominei desbravadora e inovadora. Como contrapeso a elas, anunciarei mais uma. Chamo-a de elucidativa.

Pode-se considerar essa última atitude como um fazer filosófico passível de erro, o que contrariaria a minha proposta anterior. No entanto, pretendo defender que ela é impropriamente chamada de filosofia, resgatando assim os meus desígnios originários.

A atitude elucidativa, diferentemente das outras, possui um teor criativo menor. O desbravador abre novos caminhos e convida os inovadores a percorrê-los. Agindo sobre conceitos recém-descobertos, é possível desbastá-los, dar-lhes sofisticação e ampliar a abrangência dos problemas por eles implicados. Mais ou menos assim age um inovador, muitas vezes chegando a um limite que propicie novas descobertas. Já os elucidadores, eles se exprimem didaticamente a respeito das outras duas atitudes, o que os posiciona irremediavelmente como submissos a elas. Se anteriormente afirmei que o pressuposto necessário para filosofar é ser um mau intérprete, o ato elucidativo se dispensa





disso e, como movimento básico para o desempenho de seu papel, tem-se o concordar.

Entre os filósofos antigos, poder-se-ia mencionar Diógenes Laércio como exemplo de uma atitude elucidativa. Escreveu a obra *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, na qual pretendeu tornar mais acessível o conhecimento da filosofia grega.

Uma filosofia que se constrói sobre os alicerces da elucidação embute em sua essência a possibilidade de ser falsificada. Sua função é explicar e clarificar a filosofia que está sob sua referência, ou seja, não inova, tampouco faz descobertas. Seu desempenho será tão melhor qualificado quanto maior for o seu grau de concordância. Ao se explicar uma filosofia, não se filosofa novamente. No máximo, é propiciado um melhor entendimento, e se nos leva a entender equivocadamente, diz-se que a elucidação está errada.

Discordar sem possuir uma filosofia própria só é possível quando a discordância se volta aos elucidadores, não aos filósofos. Num confronto com um filósofo, deve-se também ser um.

Discordâncias que se dirigiram aos filósofos geraram novas filosofias. Não obstante, as que se dirigiram aos elucidadores geraram o trabalho acadêmico hodierno. Por isso considero a atitude elucidativa pouco criativa e não filosófica, pois, muitas vezes, o maior de seus passos apenas resulta em fazer chover no molhado.

Uma legítima filosofia não possui erros. É descartada qualquer possibilidade de ser falsa. Quando a bem interpretamos, somos aprisionados pelo seu sistema, tendo nossas objeções atadas. E o que caracteriza a atitude elucidativa é exatamente fazer uma interpretação coerente de todo o sistema que se analisa, seja qual for o preço a ser pago. De uma boa interpretação, não se segue nenhuma outra filosofia.

Por outro lado, o ensejo para refutar uma teoria filosófica surge apenas quando há uma má interpretação. E, de fato, não refutada, a filosofia alvo passa ilesa aos ataques, pois, por maior que seja o esforço do debatedor, a única coisa com a qual estaria digladiando seria com a própria interpretação.

Uma teoria filosófica é um substrato incorruptível, e a interpretação que se faz dela, o único meio pelo qual se pode acessá-la, é a sua aparência externa, a qual considero contingente. Todavia, não pretendo causar um pânico epistemológico fazendo parecer que a filosofia possa tornar-se inacessível aos seus leitores.

Isso me dá espaço para propor uma diferença entre o conhecimento científico e o filosófico.

As ciências empíricas ratificam suas leis por meio da relação de causa e efeito e, como Hume já nos alertou, possível tão somente a partir da observação de várias instanciações de um mesmo fato. Portanto, dirigem suas teorias ao mundo, i.e., aos fatos, que, em última instância, sancionam ou não uma teoria.

A cisão feita antes – teoria/mundo – pode ver-se refletida no contexto filosófico como filosofia/interpretação, senão por uma ressalva. É possível a um ardiloso cético, armado de uma boa filosofia crítica, reclamar os limites da razão humana e fazer notar a petulância em se declarar um acesso inequívoco aos fatos. Não obstante, a cisão filosofia/interpretação não pode desse modo ser semelhantemente acusada, alegando que esta não possui total acesso àquela. Uma teoria filosófica deixa as portas, que se destinam ao seu entendimento, escancaradas. Como é então possível saber que se traspassou o seu portal? Quando, ao se interpretar uma filosofia, concorda-se com ela, o momento sublime em que contemplamos sua verdade.

Aristóteles nos alertou da impertinência lógica em declarar que tudo é falso, já que essa mesma declaração teria de ser verdadeira. E lembremos: a filosofia foi o esteio para que o nosso cético posicionasse a insurreição ao conhecimento científico. Ela é, portanto, o reduto da razão e, se suas portas não estivessem abertas, não haveria outro lugar para nos refugiarmos racionalmente.





Um exemplo

Numa tentativa de melhor justificar as conclusões alcançadas nos itens anteriores, proporei uma exemplificação extraída de um efetivo fazer filosófico.

Leucipo, em sua metafísica atomista, conseguiu conciliar a pre-mência da percepção sensorial, pluralidade e divisibilidade, com os pressupostos teóricos dos eleatas, unicidade e imobilidade. A fundo, contraria ambas as partes, o testemunho das sensações é aparente, e a doutrina eleática do ser sofre restrições. No entanto, é a partir dessa contraposição que se levanta a interseção teórica que propõe.

Qual o artifício utilizado por Leucipo para se posicionar diante das doutrinas eleáticas? De fato ele encontrou uma contradição e a remediou com sua nova proposta, o atomismo, ou foi um mau intérprete?

Na caracterização que fiz dos adeptos à elucidação, no item anterior, afirmei a deliberada obstinação em resgatar uma teoria filosófica, seja qual for o custo empregado na articulação das mais emaranhadas interpretações. Como ilustração, comecemos pela análise de um dos fragmentos de Parmênides. Lê-se:

Mas, imobilizado nos limites de potentes grilhetas, existe sem começo ou interrupção, já que geração e destruição se transviaram para muito longe, e a convicção verdadeira as repeliu. Ao manter-se o mesmo e no mesmo lugar, em si mesmo repousa e assim firme há-de permanecer. Pois forte Necessidade o retém nas grilhetas de um limite, que de ambos os lados o encerra³.

O intérprete que apresenta os versos citados, de pronto, detecta as presumíveis incoerências que o raciocínio ali expresso pode sugerir.

3. [Kir], p. 261. Fragmento 8, versos 26-31, Simplicio in Phys. 145, 27.

Escreve-nos:

Obscura é a noção de limite que Parmênides aqui emprega. [...] Talvez a expressão “nos limites” seja antes uma maneira metafórica de falar de determinação. Neste caso, Parmênides estará a dizer em “a forte Necessidade o retém nas grilhetas de um limite, que de ambos os lados o encerra”, que o que é não tem potencialidade para ser diferente – em qualquer ocasião ou a qualquer respeito – do que é presentemente⁴.

Desejo fazer notar o artifício empregado pelo intérprete a fim de salvar o sistema teórico de Parmênides de uma possível contradição. Em versos anteriores⁵, já se lia: “De um só caminho nos resta falar: o de que é. Neste caminho há indícios em grande número de que o que é ingénito e imperecível existe, por ser completo, de uma só espécie, inabalável e perfeito”⁶.

A admissão literal desse último verso, e comparado aos anteriormente citados, nos conduziria a uma contradição. Como se pode falar de completude e perfeição do ser, ao passo que logo em seguida é descrita a sua inserção em limites? E o que jaz além dos limites do ser, é não-ser? Mas “nunca à força será mantida a demonstração de que existe o que não é, mas debes afastar o teu pensamento desta via de investigação”⁷. Logo, o que está além dos limites do ser é ser também? O argumento entraria num círculo vicioso... Safando-se, então, dessa possível controvérsia, o intérprete efetua um truque elucidativo e ape-la para uma interpretação metafórica do termo “limite”.

4. [Kir], p. 262.

5. [Kir], p. 259. Fagmento 8, versos 1-4, Simplicio in Phys. 78, 5; 145, 1.

6. Na tradução desses mesmos versos, em [Soc], p. 149, tem-se: “[...] pois é todo inteiro, inabalável e sem fim”. Observa-se com isso que o intérprete lança mão da tradução para impor o seu posicionamento, uma vez que usar o termo “perfeito” é mais brando do que “sem fim”.

7. [Kir], p. 258. Fagmento 7, versos 1-2, Platão Sofista 242 A.





Não obstante, como bom filósofo, e diametralmente oposto à atitude de intérprete, Leucipo agiu filosoficamente diante da inconclusão do sistema parmenídico. Ao invés de se preocupar em bem interpretar os eleatas e concordar numa definição mais aceita para o termo “limite”, preferiu inovar em cima desse arcabouço teórico. O testemunho que nos foi legado por Aristóteles confirma:

Leucipo pensou ter argumentos que defenderiam o que é compatível com a percepção sensorial e não aboliriam o nascimento ou a morte ou o movimento ou a pluralidade dos seres existentes. Concorda com as aparências até este ponto, mas aos que defendem o Uno, concede-lhes que não haveria movimento sem o vazio, e afirma que o vazio é não-ser e que nenhuma parte do que é é não-ser – já que o que é no verdadeiro sentido, é um ser totalmente cheio. Mas um tal ser, diz ele, não é uno; há um número infinito, e são invisíveis devido à pequenez das partículas. Estas movem-se no vazio (pois o vazio existe⁸).⁹

Caso Leucipo preferisse ler “limite” metaforicamente, como propôs nosso exegeta, e absorvesse o sistema de pensamento dos eleatas, ser-lhe-ia impossível postular a existência do vazio.

E voltando às perguntas no início do item, respondo: não existem sistemas filosóficos falsos. A aparente contradição que se tentou denunciar em Parmênides não passa de uma fraqueza interpretativa, e é nessa fraqueza que se erige Leucipo, mau intérprete por excelência.

Concluindo, acrescento, a má interpretação alia-se a uma pretensa insubmissão dos filósofos. Somente os iconoclastas podem filosofar. Mata-se um filósofo e a humanidade ganha mais uma filosofia.

8. Repare a contundência dessa última frase, aliás, entre parênteses.

9. [Kir], p. 429. Aristóteles de gen. et corr. A 8, 325 a 2 (DK 67 A 7).

Referências

[Hum] HUME, David. Investigação sobre o entendimento humano. São Paulo: Abril Cultural, 1973 (Os Pensadores).

[Kir] KIRK, G. S.; RAVEN, J. E.; SCHOFIELD, M. Os filósofos pré-socráticos. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1994.

[Soc] OS PRÉ-SOCRÁTICOS. São Paulo: Abril Cultural, 1973 (Os Pensadores).

[Witt] WITTGENSTEIN, Ludwig. Investigações filosóficas. São Paulo: Abril Cultural, 1975 (Os Pensadores).

